

Cinema Moçambicano (3)

ARTUR TOROHATE

T(830)
7/9/86

Cineasta guerrilheiro

Artur Torohate, fotógrafo e cineasta da Frelimo, chegou a Lourenço Marques com o grupo que veio de Dar-Es-Salaam em 1975, acompanhando a histórica viagem do Presidente Samora Machel, do Rovuma ao Maputo. Um pouco antes, em Setembro de 1974, tinha chegado, para a tomada de posse do governo de transição, Daniel Maquimasse, também fotógrafo e guerrilheiro. No entanto, somente Torohate trabalhava com a câmara de filmar. Pode-se dizer que juntamente com o seu chefe, o major Soares, responsáveis do Departamento de Imagens, foram os únicos moçambicanos a registar em filme cenas de guerra no norte do país. Camilo de Sousa fê-lo, porém muito mais tarde em 1974. posto que só em 1973 conseguiu chegar à Tanzânia.

Torohate recorda ainda hoje com muita saudade a sua câmara, com que acompanhava, sempre que possível, o dia-a-dia dos guerrilheiros.

«A primeira vez que consegui filmar foi em 1966 — conta, com os olhos perdidos no passado — eram câmaras de 8 e 16 milímetros, oferecidas pelos soviéticos. Mas era tudo muito difícil para nós, porque não sabíamos bem trabalhar com elas. E também não tínhamos material, nem filmes, nem possibilidades de os revelar na Tanzânia. Por isso passei-me a dedicar mais à fotografias e ao vídeo».

Natural de Messumba, no Niassa, onde nasceu em 1943, foi na província do Niassa que Artur Torohate fez o seu primeiro filme, sobre o falecimento de Filipe Samuel Magaia, em 1966.

«Mas naquele tempo quem fazia mais filmes era o major Soares, que andava com uma câmara de 16 milímetros. Verdade seja que nunca consegui ver nenhum desses filmes. Acho que os fazia e mandava para fora, para reve-

lar. Não sei onde param, mas seria mui'õ interessante vê-los. Mas na verdade poucos foram os filmes que se fizeram, naqueles tempos.»

O HOMEM NOVO

O primeiro documentário realizado em Lourenço Marques pelo

Serviço Nacional de Cinema chamava-se «Chipera» e data de 1975.

Naquela altura, aliás de 1974 em diante, toda a população da capital assistia avidamente a todos os filmes trazidos de fora, sobre a luta de libertação nacional. Pouca ou nenhuma informação se tinha, aqui, sobre o que se passava no norte. Os filmes feitos por cineastas de países amigos, como o «Venceremos», «A luta continua», «Viva a Frelimo» e tantos outros que foram projectados nessa altura, tinham sempre as salas cheias.

Era o tempo das reuniões, das campanhas de alfabetização, da dedicação total a um sonho realizado, do deslumbramento das pessoas pelas fardas dos guerrilheiros. Das grandes dúvidas e interrogações acerca do tal homem novo que ninguém sabia muito bem como era feito, mas cuja vinda fora anunciada há muito tempo. Era o tempo também dos contentores

A vida de Torohate era acompanhar os soldados, fotografar e filmar o seu dia-a-dia



OS FILMES DA LUTA ARMADA

Torohate ainda hoje lamenta nunca ter conseguido tirar nenhum curso de operador de câmara. «O único curso que tenho é o de vídeo e fi-lo em 1972, em Dar. Já pensei várias vezes em arranjar tempo para fazer um curso de cinema, mas nunca foi possível. E' por isso agora só faço fotografia e vídeo, que é mais fácil.»

Mas a mágua ficou-lhe. «Porque gosto muito de fazer cinema, só que nunca ninguém me ensinou, a sério, como se faz. Em 1966 meteram-me uma câmara nas mãos, explicaram-me umas coisas a correr, nem durou um mês a aprendizagem. Na verdade tudo aquilo que sei aprendi-o mais tarde, na prática. Filmei depois a tomada do quartel de Omar, em Nametil, mas esse já foi um filme em vídeo, por falta de material. Mas tínhamos também alguns filmes em 8 milímetros sobre Nachingwea, os trenos, a vida no interior do país, coisas assim. Penso que todo esse material está recolhido no INC.»

Nunca havia programação prevista. «Filmava sempre o que apreciava e o que me parecia melhor, se tinha filme. Geralmente sabíamos dos planos de combate e íamos lá, para participar e para filmar. Estávamos lá para isso mesmo, era a nossa vida. Mas como nos faltava material, muitas coisas ficaram por registar e é pena. As acções nocturnas, por exemplo, nunca puderam ser filmadas.»

Recordando tempos antigos, Torohate sorri.

«Acompanhávamos também os cineastas estrangeiros que vinham fazer filmes nas nossas zonas de guerra. Andámos com jugoslavos, americanos, com todos esses. Por sorte nunca lhes aconteceu nada. Apesar de algumas vezes terem sido alvos de ataque, nunca houve incidentes a registar. Conseguimos sempre protegê-los.»

CINEMA ACTUAL

Do cinema que hoje se faz em Moçambique, Artur Torohate não tem muito a dizer. Tem visto alguns filmes e documentários, às

vezes gosta, mas profissionalmente, agora, está mais ligado à fotografia e ao vídeo. Faz reportagens, viaja muito e continua e embalar a esperança de um dia poder tirar o tal curso de cinema, de que nunca desistiu.

Do filme «O Tempo dos Leopardos», passado nas zonas de guerra, não guarda boas recordações: «Não gostei, embora tenha gostado de umas coisas. Mas sei um bocadinho zangado e nunca mais o quiz ver. E que eu vivi inteiramente essa vida e vi no filme muitas coisas que nunca poderiam corresponder à verdade. Aparece, por exemplo, um guerrilheiro a agredir uma mulher. Nunca tivemos dessas situações, naquele tempo! Agora não sei, mas naquela altura era impossível. Isso seria comportamento do inimigo. Por isso acho que nesse filme há situações sociais e situações militares pouco reais. Porque é que os cineastas não foram buscar antigos combatentes, para treinar e para apoiar o filme? Quanto ao resto, é bom. Mas conheço muitos companheiros que pensam como eu. Veja, naquela altura já havia 3 ou 4 províncias em luta. O comportamento do próprio comandante é um pouco irreal... se se eliminássem essas coisas, acho que o filme ficaria bom.»

A guerra de agora é um espinho atravessado na garganta de alguns cineastas moçambicanos, que em vão têm solicitado licença para nela participar, com suas câmaras de filmar.

A esse respeito, Torohate também manifesta a sua estranheza:

«Na verdade não sei explicar porque é que os nossos cineastas não estão hoje na frente de combate. Já manifestei essa preocupação mas ninguém me soube ainda dar uma resposta. Penso que eles já o pediram e que isso seria necessário. Esta guerra não está sendo registada e não percebo bem porquê. Seria um filme muito importante, mais tarde, e que ainda não se está a fazer agora.»

Teresa Sá Nogueira



Artur Torohate, cineasta e guerrilheiro

em todas as esquinas, do medo e dos boatos, dos oportunistas a surgirem, os «revolucionários do pós-25 de Abril», muito mais papistas do que o papa... E quase todos já foram embora, mas ainda por aí soberram alguns, para amostra. E também era o tempo das feridas mal curadas pelo derramar do sangue em 7 de Setembro e 22 de Outubro. Por que então — como agora — a cidade de Maputo, ex-Lourenço Marques, nunca tinha sentido na pele o preço de uma guerra.

E procurava-se resposta a todas as inquietações nos filmes feitos no norte, para se conseguir entender bem como eram e como viviam os guerrilheiros da Frelimo. E assim Maquinasse e Torohate foram acolhidos de braços abertos pelos profissionais da Informação, que se não cansavam nunca de ouvir contar histórias do tempo de guerra.